

A RELAÇÃO ENTRE AMIZADE E POLÍTICA NO LIVRO IX: DO PONTO 06 AO PONTO 12 DA ÉTICA A NICÔMACOS.

Danillo Moretti Godinho Linhares (ICV/UFPI) Zoraida Maria Lopes Feitosa (Orientadora, Departamento de Filosofia – UFPI)

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho parte de uma leitura da obra de Aristóteles: *Ética a Nicômacos*, mais especificamente dos livros VIII e IX que tratam sobre a questão da amizade. A reflexão aristotélica sobre a *philia* (Amizade) vincula-se à dimensão fundamental da sua filosofia das coisas humanas (ética e política). Integrando, o conjunto de “condições” essenciais (Virtudes) à felicidade, por ser uma virtude ou algo que participa das virtudes. Assim nosso propósito é de analisar a dimensão política da *philia*. Buscando enfatizar a amizade como relação de poder e a amizade entre semelhantes e dessemelhantes e os seus desdobramentos políticos.

METODOLOGIA:

A proposta dessa pesquisa é analisar a amizade como uma virtude ética e suas relações com a política no plano hermenêutico. Para tal utilizamos as estratégias especificadas no plano de trabalho fazendo a leitura da obra principal acompanhada de pesquisa bibliográfica complementar.

Primeiramente foi feita uma leitura exploratória do livro *Ética a Nicômacos* como um todo, num segundo momento nos detivemos à análise do conceito de amizade nos livros VIII e IX. Para posteriormente trabalhar os objetivos específicos a serem desenvolvidos nesta pesquisa, a saber: a) analisar as características das amizades como relações de poder. b) analisar as formas de amizade entre pessoas semelhantes e dessemelhantes e as consequências políticas de tais formas, lançando mão de bibliografia complementar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Inicialmente parece fundamental dedicarmos algumas linhas deste trabalho à caracterização da amizade segundo Aristóteles bem como, se possível, uma avaliação do contexto teórico vigente acerca de tal tema. De modo que, podemos inferir da leitura da E.N. que Aristóteles procura definir a *philia* como uma relação específica da vida humana, a qual tem função imprescindível para a boa vida e a felicidade do homem. Já no que diz respeito ao modo como esta se apresenta, Aristóteles defende a existência de três tipos de amizade que, segundo ele, correspondem à quantidade de coisas que se deve amar, a saber: a utilidade, o prazer e o bem em si mesmo. De tal modo que teremos amizades formadas com vistas, pelo menos, a uma destas coisas. Segundo Aristóteles: “*para que as pessoas sejam amigas deve-se constatar que elas têm boa vontade recíproca e se desejam bem reciprocamente por uma das razões mencionadas.*” E.N. 1156 a. 4-7.

Podemos dizer que, em certo sentido, a primeira manifestação do tema da amizade como relação de poder aparece quando o autor da E.N. discute o modo como as pessoas em posição de

autoridade (detentores do poder) fazem a escolha de suas amizades. Num primeiro momento com vias à satisfação de seus prazeres, para tal procurando pessoas espirituosas, alegres e suscetíveis; Assim o detentor do poder escolhe seus amigos para sua satisfação (prazer) e também na condição de subjugá-los (utilidade).

Aristóteles se preocupa em salientar que, em todas as amizades onde há implícita alguma desigualdade, deve ser respeitado um princípio equitativo que garanta a igualdade necessária à amizade: ao passo que a parte melhor certamente será mais útil devida sua superioridade, esta deve receber mais amor do que ela mesma dá. Enquanto a parte menor deve ter consciência do proveito que retira e esforçar-se para retribuir. Isto é o que Aristóteles chama de proporcionalidade ao merecimento.

Outro conceito importante desta temática é discutido no final do livro oitavo e retomado no ponto 6 do livro IX é a ideia de concórdia que, segundo o próprio Aristóteles, esta não deve ser entendida como uma simples identidade de opiniões e sim como uma disposição amistosa a qual tem por efeito a ação que visa o bem em comum dos cidadãos, de modo que quando for possível todas as partes envolvidas obtenham aquilo que desejam. Aristóteles compreende que a sociedade é uma comunidade de interesses, mas não no sentido do simples viver, mas do viver bem. Assim essa comunhão de interesses, se torna o fundamento da amizade política.

Por fim, seria interessante demonstrar também a relação que Aristóteles constrói entre amizade e felicidade, bem como os elementos políticos imbricados nessa relação.

Assim, praticamente durante toda a obra *Ética a Nicômacos* o autor insinua uma possível definição para felicidade (*Eudaimonia*) que só será completada no final do décimo e último livro. O autor busca concluir que a felicidade deve ser um bem duradouro e que não se confunda com algum mal em hipótese alguma. O que o leva a afirmar que a felicidade deve ser uma *atividade* do homem, atividade duradoura e completa. Esta atividade boa deve estar em conformidade com a virtude e deve ser desejável por si mesma, porém não podemos concluir que a felicidade seja uma atividade conforme qualquer virtude, mas já que é o bem mais desejável para o homem deve ser por consequência uma atividade conforme a maior virtude do homem, a qual Aristóteles proclama ser a atividade contemplativa, característica dos filósofos e que está em consonância com a parte mais nobre do homem que é o intelecto (razão).

Deste modo qual seriam a importância ou mesmo a relação entre a felicidade e a amizade?

Para compreendermos esta relação devemos identificar o amigo como um bem exterior e saber de que modo este bem será útil na busca da *eudaimonia* (felicidade). Ora quando Aristóteles se refere ao amigo, entende-se aqui especialmente o amigo por excelência, aquele que deseja e pratica o bem para o amigo por que isto é bom em si mesmo.

Podemos encerrar nossa reflexão com uma retomada do tema da amizade e de suas consequências políticas. A saber, tendo dito isso acerca da amizade e da felicidade é necessário ressaltar que como já foi dito, a amizade necessita de intimidade e esta se dá pela convivência entre

os homens, mas qual é o espaço privilegiado de convivência dos seres humanos? Em termos aristotélicos seria a comunidade política, identificada pela polis, que já foi constituída com vistas a ajuda mútua e a convivência visando uma vida boa para todos. Outro aspecto interessante, ainda sobre esta relação, é o de que sendo a felicidade uma atividade constante, a polis torna-se o palco privilegiado para tal, visto que é muito mais fácil para o homem estar em atividade na medida em que convive com outros homens do que se tivesse que estar sozinho.

CONCLUSÃO:

Podemos concluir que Aristóteles insere a discussão sobre amizade em sua obra com o objetivo de identificá-la como um bem para o homem e para a comunidade política, na medida em que sendo uma atividade virtuosa pode contribuir para uma vida plena, realizada na vida política, na contemplação e na convivência entre os homens.

Podemos inferir também que as amizades constituem de certo modo uma relação de poder em que cada membro deseja obter um bem de acordo com sua posição na amizade, seja o prazer, a utilidade ou mesmo a contemplação do bem por si mesmo, respeitando a noção de proporcionalidade de acordo com o merecimento de cada um. Assim as relações de amizade são mediadas pelos interesses de cada um, ainda que estes estejam em maior ou menor consonância com a virtude, a felicidade e a excelência moral.

Deste modo tanto pessoas semelhantes quanto dessemelhantes são capazes de constituir uma relação amistosa buscando uma equalização tanto através da proporcionalidade por merecimento quanto por alguma semelhança de interesses de modo a aproximar tais pessoas ainda que momentaneamente.

As relações de amizade perpassam a vida comum e as relações políticas de maneira significativa, de modo que suas consequências nesse âmbito são as mais diversas, a saber: o fato de que mesmo entre os vários tipos de governo concebidos pelo homem é a disposição amistosa que funciona como mediador ético para as ações executadas pelos governantes; o bom funcionamento entre os vários tipos de associações que os homens realizam como no comércio ou na guerra, pois uma disposição amistosa fortalece e amplia a segurança nestas relações; é também importante na medida em que a identificam como concórdia no que diz respeito às ações que devem ser tomadas no âmbito da comunidade com vistas aos interesses e ao bem comum. Em síntese é uma disposição amistosa que deve servir como fator de coesão social, incentivando a justiça e o aprimoramento das relações sociais de modo a atingir o objetivo último da vida na comunidade que é o bem viver.

Palavras-Chave: Aristóteles. Amizade. Política.

Apoio: UFPI.

Referência Bibliográfica:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Trad. de Mário da Gama Kury. 2ª Ed. Brasília: Editora da UNB, 1992.

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. de Mário da Gama Kury. 3ª Ed. Brasília: Editora da UNB, 1997.

PLATÃO. *Lísis*, Introdução, versão e notas de Francisco de Oliveira, Brasília: Editora da UNB, 1995.

LIMA, João Silva. *O Problema da Philía em Aristóteles* -Um estudo dos livros VIII e IX da *Ética a Nicômacos*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Campinas-SP: (s.n.), 1997.

OLIVEIRA NETO, F. M. *A amizade e a felicidade em Aristóteles*. Filosofia, Linguagem, Política: Conversação/Goiânia, maio/2008.